

ITALO CALVINO: ESCRITOR E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DE O CAVALEIRO INEXISTENTE

João Cesário Leonel Ferreira*

Resumo: Este artigo procura analisar a relação entre o livro *O cavaleiro inexistente* e o contexto em que viveu o escritor italiano Ítalo Calvino quando da produção do livro. De modo mais específico, busca encontrar na narrativa indicações para questões que inquietavam a mente do autor no período.

Palavras-chave: Narrativa; personagens; sociedade.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar o livro *O cavaleiro inexistente* (2002b), do escritor italiano Italo Calvino (1923-1985). A abordagem será, de modo mais preciso, uma tentativa de relacionar as questões desenvolvidas na trama com a postura teórica que Calvino abraçava naquele momento, e como essa se vincula com sua perspectiva de mundo e sociedade que o circundava. Ainda assim, haverá um foco mais específico voltado para a análise dos protagonistas, desconsiderando outros temas, ainda que importantes, como o fato de o autor apresentar uma narradora que, ao mesmo tempo que narra, discute seu papel de escritora, ou o desenvolvimento de jogos combinatórios.

Para que o objetivo seja atingido, serão utilizados textos teóricos do autor, principalmente o prefácio ao livro *Os nossos antepassados* (2001)¹, a palestra “A medula do leão” (1980)² e o artigo “O mar da objetividade” (1960). Tal esco-

* Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper – Instituto Presbiteriano Mackenzie – e na Escola Superior de Teologia – Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: joao.leonel@uol.com.br.

1 Edição italiana em um só volume, em 1960, de três livros de Calvino: *O cavaleiro inexistente*, *O visconde partido ao meio* e *O barão nas árvores*.

2 Proferida em 1955 e publicada posteriormente em *Una pietra sopra: discorsi e società*. Torino: Einaudi, 1980.

lha explica-se por serem textos próximos ao momento de produção de *O cavaleiro inexistente* e, por isso, podem revelar preocupações, interesses e motivações do autor ao produzir a obra. Útil, igualmente, é o artigo “Calvino moralista”, de Alfonso Berardinelli (1999), por cooperar com o entendimento de vários pontos discutidos aqui.

A escolha do tema justifica-se pela percepção de que no livro *O cavaleiro inexistente* e no volume *Os nossos antepassados* há um Calvino, como diria Natalia Ginzburg (2000, p. 73-74), com uma “atmosfera brilhante, festiva e ensolarada”. Posteriormente, segundo a mesma autora, “uma luz nova é captada através de seus livros, nem ensolarada nem luminosa, senão branca: não exatamente fria, mas completamente desabitada. A ironia continua presente, mas imperceptível, sem alegria de viver, branca e deserta como a lua”. Exemplo claro do que foi afirmado são os livros *As cidades invisíveis* e *Palomar*.

Certamente o estilo utilizado reflete a transição do período neo-realista pós-guerra – cujo produto exemplar é *Il sentiero dei nidi di ragno*, de 1947 – para a fase de escrita fantástica com temas e personagens fabulosos. Como o próprio Calvino (2001, p. 8) afirma, nos anos 1950: “a vida desregrada do período *partigiano* e do pós-guerra se afastava no tempo [...] A realidade enveredava por trilhos diversos, aparentemente mais normais, tornava-se institucional”. Posteriormente, a partir dos anos 1960, surge uma nova fase indicando certo desalento e distanciamento da realidade. Nos anos 1990, Alfonso Berardinelli (1999, p. 101) definiria esse último Calvino como um “misanthropo”, ou seja, como alguém avesso à sociedade. Julga-o, aliás, mais severamente ao dizer que

o misantropo que sequer tem vontade de deprecar o gênero humano não é mais nem mesmo misantropo, é um egoísta disfarçado de pensador geométrico. Na geometria não existem bem e mal, dor e prazer, inocência e culpa. Era esta a aspiração anti-histórica e anti-humanista de Calvino (BERARDINELLI, 1999, p. 112).

Diante das observações transcritas até aqui, o que se quer problematizar neste artigo é: o período de transição entre as fases neo-realista e a misantrópica, no qual se situa *O cavaleiro inexistente*, já manifesta o caráter distante e cético com o qual Calvino encarou a humanidade na última fase de seus escritos? A leveza e a veia humorística que revestem os livros que compõem *Os nossos antepassados* são reveladoras dessa desesperança e distanciamento da realidade?

A resposta que se propõe é negativa. O texto a seguir argumentará que a linguagem fabular e ficcional unida ao estilo aparentemente distanciado e cômico com que *O cavaleiro inexistente* foi escrito configura estratégias utilizadas por Calvino para abordar questões antropológicas. Tal postura revela, em oposição à sua pretensa distância e abandono das questões sociais, uma relação reflexiva e crítica diante do mundo de seu tempo.

O PROJETO LITERÁRIO DE ITALO CALVINO NOS ANOS 1950 E 1960

Para o desenvolvimento deste tópico, é de central importância conferir a posição de Calvino diante da literatura e qual o papel que atribuía a ela no período próximo a *O cavaleiro inexistente*. Em “A medula do leão”, Calvino (1980, p. 6) volta-se contra a tendência de os jovens narradores descreverem um “mundo bruto, aceito na sua totalidade sem inventário [...] o ponto de vista do narrador

quer ser o quanto mais distante possível de um ponto de vista intelectualizado”. Tal postura se evidencia na elaboração de personagens que não questionam nem se opõem ao mundo em que vivem. Vê, na literatura italiana, a presença desse tipo de personagem que define como “homem hermético” (CALVINO, 1980, p. 2). No início do texto, o autor já indica que, para ele, a literatura tem como uma de suas metas orientar o homem em sua visão de mundo (CALVINO, 1980, p. 1). Na seqüência, afirma que “o verdadeiro tema de um romance deverá ser uma definição do nosso tempo [...] deverá ser uma imagem que nos esclareça a nossa inserção no mundo” (CALVINO, 1980, p. 8). De modo mais amplo, ao tratar da literatura, declara que ela

[...] pode servir somente em uma coisa: ajudando-os [os homens] a serem sempre mais inteligentes, sensíveis, moralmente fortes. As coisas que a literatura pode investigar e ensinar são poucas, mas insubstituíveis: o modo de olhar o próximo e a si mesmo [...] de considerar os limites e defeitos próprios e também dos outros, de encontrar as proporções da vida e o lugar do amor nela (CALVINO, 1980, p. 10).

As expressões citadas encontram sentido no contexto em que Calvino viveu e que ele próprio define, em 1955, “A consciência de viver no ponto mais baixo e trágico de uma parábola humana, de viver entre Buchenwald³ e a bomba H, é o dado de partida de toda nossa fantasia, de todo nosso pensamento” (CALVINO, 1980, p. 11); e, em 1960⁴, no prefácio a *Os nossos antepassados*, ao falar de *O cavaleiro inexistente*: “é também um livro escrito numa época de perspectivas históricas mais incertas que as do ano de 51 e 57”⁵ (CALVINO, 2001, p. 16).

É possível, entretanto, a pergunta: por que o autor optou pelo estilo fabular para escrever *O cavaleiro inexistente*? Refletindo sobre o período histórico da produção do livro, em entrevista de 1984, o próprio Calvino (2000) afirma que

[...] após um período inicial durante o qual acreditei num tipo de realismo objetivo, entendi que se quiséssemos dizer algo, inclusive algo que tivesse a ver com a sociedade italiana e sua história, era necessário olhar para dentro de si ou expressar os mecanismos sociais por meio de representações que podiam muito bem não ser realistas no sentido tradicional do termo.

A opção por “expressar os mecanismos sociais por meio de representações que podiam muito bem não ser realistas” indica a escolha do tipo de literatura a ser escrita, bem como a estratégia nela desenvolvida, para dizer algo à sociedade. Complementa essa citação, de modo ainda mais claro, a afirmação retirada do texto “A medula do leão”:

[...] aquilo que nos interessa acima de todas as outras coisas são as provas que o homem atravessa e o modo como ele as supera. No modelo das fábulas mais remotas – o menino abandonado no bosque ou o cavaleiro que deve superar encontros com feras e encantos – permanece o esquema insubstituível de todas

3 Nome do primeiro campo de concentração a ser libertado pelos aliados na Alemanha em 11 de abril de 1945. Emprestou o nome para o Relatório Buchenwald – registro de atos ali praticados e que serviriam de base para a abertura de processos por crimes de guerra contra nazistas.

4 Data do lançamento do livro na Itália.

5 Anos em que foram escritos *O visconde partido ao meio* e *O barão nas árvores*, respectivamente.

as histórias humanas, permanece o desenho dos grandes romances exemplares, nos quais uma personalidade moral se realiza, movendo-se em uma natureza ou em uma sociedade desumana (CALVINO, 1980, p. 11, tradução nossa).

Novamente, percebe-se o uso da forma e da linguagem fabulares como veículo de conteúdos relativos à presença e ação do ser humano na história e na sociedade. Quanto a isso, Berardinelli (1999, p. 101, grifo nosso) afirma que Calvino, “como todo autor de fábula, é um moralista e um pedagogo”.

Por fim, para evidenciar de modo mais concreto o interesse e as preocupações de Calvino no momento em que abandona a abordagem estritamente neo-realista, sem se distanciar, entretanto, das inquietações com a sociedade, o mundo e o homem contemporâneo, como se vê em suas últimas obras, as palavras do prefácio de *Os nossos antepassados* declaram explicitamente seu objetivo com as três obras:

Eu quis fazer delas uma trilogia da experiência da realização como ser humano: em O cavaleiro inexistente, a conquista do ser; em O visconde partido ao meio, a aspiração a uma completude para além das mutilações impostas pela sociedade; em O barão nas árvores, um caminho para uma completude não individualista a ser alcançada por meio da fidelidade a uma autodeterminação individual: três níveis de aproximação da liberdade [...] Gostaria que pudessem ser vistas como uma árvore genealógica dos antepassados do homem contemporâneo, em que cada rosto oculta algum traço das pessoas que estão a nossa volta, de vocês, de mim mesmo (CALVINO, 2001, p. 19-20).

ANÁLISE DE O CAVALEIRO INEXISTENTE

Iniciando a análise do texto, é patente seu caráter cômico. Cito duas cenas para ilustrar esse aspecto. A primeira é aquela, logo no início do livro, em que Carlos Magno passa em revista a tropa formada por cavaleiros e trava diálogo com o último deles, de armadura branca. Após este se identificar como Agilulfo, nega-se a mostrar o rosto. Quando questionado sobre tal ação, responde: “ – Porque não existo, sire”. A reação: “ – Faltava essa! – exclamou o imperador. – Agora temos na tropa até um cavaleiro que não existe!”. O diálogo termina com a frase do imperador: “ – Bom, para alguém que não existe está em excelente forma!” (CALVINO, 2002b, p. 9-10).

A segunda cena com veia humorística é a descrição da batalha entre o exército de Carlos Magno e o sarraceno. A tosse é colocada em primeiro plano, causada pela poeira que surge da disputa entre os exércitos, e os duelos são decididos não por meio das armas, mas por insultos. Diz o texto:

[...] conforme fosse a ofensa mortal, sanguinária, insustentável, média ou leve, exigiam-se diversas reparações ou então ódios implacáveis que eram transmitidos aos descendentes. Portanto, o importante era entender-se, coisa não muito fácil entre mouros e cristãos e com as várias línguas mouras e cristãs entre eles; se alguém recebia um insulto indecifrável, que podia fazer? [...] portanto, nessa fase do combate participavam os intérpretes, tropa rápida, com armamento leve, montada em cavalinhas, que circulavam ao redor, captavam no ar os insultos e os traduziam imediatamente na língua do destinatário [...] Esses intérpretes, haviam combinado de ambas as partes não ser necessário matá-los [...] Mas todos sabem: guerra é guerra, e às vezes alguém ficava para adubo (CALVINO, 2002, p. 38-39).

Imagine-se o quadro! Duplas de combatentes tendo atrás de si tradutores que tornam inteligíveis as ofensas recebidas. Calvino retira toda a crueza da guerra pintando-a de modo jocoso.

Mais uma vez surge a questão se, ao fazê-lo, ele está simplesmente entre-tendo seus leitores ou se há algo mais. O argumento deste artigo é que o autor usa de linguagem leve e colorida, como ele próprio diz, com propósitos de “divertimento” (CALVINO, 2001, p. 18), para desenvolver temas mais profundos. Ele apresenta uma superfície textual que atrai os leitores e, uma vez fisgados, vai, pouco a pouco, apresentando os elementos que pretende impregnar em suas mentes. Para perceber esse tipo de aprofundamento, será feita a análise dos protagonistas da história.

O principal personagem é o cavaleiro Agilulfo. Conforme o título do livro, ele inexistente, pelo menos fisicamente. Há um vazio dentro da armadura. Para dar-lhe identidade, resta apenas a razão. E é ela que o mantém vivo e em conexão com o mundo, diante do qual exerce seu atributo de ser essencialmente pensante e crítico. Mas um ser em parte. Ser, sim, em razão de sua consciência; em parte, pela ausência de um corpo físico. Por conseguinte, sua existência é uma batalha constante. Essa tensão é percebida em uma das primeiras cenas do livro, em que a narradora afirma que Agilulfo não dorme. Ele incomoda-se com o repouso dos colegas, visto tratar-se de “perda de consciência de si próprio” (CALVINO, 2002b, p. 14). Mais à frente há outra passagem com o mesmo significado. Ao alvorecer, Agilulfo dedica-se a exercícios de precisão. Para ele, esse é o momento em que

[...] as coisas perdem a consistência de sombra que as acompanhou durante a noite e readquirem pouco a pouco as cores, mas nesse meio tempo atravessam uma espécie de limbo incerto [...] a hora em que se tem menos certeza da existência do mundo [...] Ficava mal: eram aqueles os momentos em que se sentia pior; por vezes, só às custas de um esforço extremo conseguia não dissolver-se (CALVINO, 2002b, p. 22-23).

Voltando à cena anterior, nota-se uma evolução em sua construção. Ao contemplar os cavaleiros mergulhados em seus sonhos, Agilulfo experimenta

[...] uma sensação que era de orgulho, de desdenhosa superioridade. Ali estavam os colegas tão falados, os gloriosos paladinos; o que eram? A armadura, testemunho de seu grau e nome, das façanhas executadas, da potência e do valor, e-la reduzida a um invólucro, a uma ferragem vazia; e aquele pessoal roncando, o rosto amassado no travesseiro, um fio de baba descendo dos lábios abertos. Menos ele, não era possível decompô-lo em pedaços, desmembrá-lo: era e permanecia em cada momento do dia e da noite Agilulfo [...] tendo para maior glória das armas cristãs realizado as ações tais e tais... (CALVINO, 2002b, p. 14-15).

Não basta a consciência para que se atinja a identidade. É necessário desenvolver atos de bravura. Esse é o motivo pelo qual Agilulfo nutre desprezo ao ver as armaduras abandonadas, pois são símbolo das glórias obtidas nos campos de batalha. Ele não. Nunca se separa da sua. É ela que lhe dá visibilidade e também as provas de sua existência: seus feitos militares.

O cavaleiro inexistente, então, representa o ser humano, não partido ao meio, como no primeiro livro da trilogia, mas como um ser parcial, que luta para exis-

tir no mundo e que encontra sua existência no exercício da razão e na extensão dela: suas ações.

Em sentido oposto, há outro personagem: Gurdulu. Na realidade, esse é apenas um de seus nomes, sendo conhecido também como Omobó, Martinzul, Gudi-Ussuf, Ben-Va-Ussuf, Ben-Stambul, Pestanzul, Bertinzul, Martimbon Omobon, Omobestia, Monstrengo do Valão, Gian Paciasso, Pier Paciugo. A explicação? Tem tantos nomes quantas são as aldeias por onde passa (CALVINO, 2002b, p. 28-29).

Ele é visto inicialmente pela comitiva de Carlos Magno junto a um bando de patos, andando e agindo como se fosse um deles. Quando um dos militares pergunta ao guardião dos patos acerca daquele homem, a resposta é que ele pensa ser um bando de patos (CALVINO, 2002b, p. 27). Diante da indagação do imperador, um ancião responde: “Talvez não se possa chamá-lo de doido: é só alguém que existe mas não tem consciência disso” (CALVINO, 2002b, p. 29). A narradora, para marcar a oposição entre Agilulfo e Gurdulu, coloca na boca de Carlos Magno: “– Boa esta! Aqui temos um súdito que existe mas não tem consciência disso e aquele meu paladino que tem consciência de existir mas de fato não existe. Fazem uma bela dupla, é o que lhes digo!” (CALVINO, 2002b, p. 29). E, para marcar ainda mais a relação entre os dois protagonistas, faz que o rei entregue Gurdulu a Agilulfo como seu escudeiro (CALVINO, 2002b, p. 31).

O contraste está criado. De um lado, um ser em parte, que existe por sua consciência e razão, mas inexistente por estar privado de um corpo. De outro, igualmente um ser parcial, cuja existência é testemunhada pela concretude de seu corpo, mas que, entretanto, não existe por diluir-se no mundo sem consciência de vida pessoal.

Essa não é uma situação que atinge apenas indivíduos. A narradora, no capítulo 4, indica que ela pervade o mundo.

Ainda era confuso o estado das coisas do mundo, no tempo remoto em que esta história se passa. Não era raro defrontar-se com nomes, pensamentos, formas e instituições a que não correspondia nada de existente. E, por outro lado, o mundo pululava de objetos e faculdades e pessoas que não possuíam nome nem distinção do restante. Era uma época em que a vontade e a obstinação de existir, de deixar marcas, de provocar atrito com tudo aquilo que existe, não era inteiramente usada, dado que muitos não faziam nada com isso – por miséria ou ignorância ou porque tudo dava certo para eles do mesmo jeito – e assim uma certa quantidade andava perdida no vazio. Podia até acontecer então que num ponto essa vontade e consciência de si, tão diluída, se condensasse, formasse um coágulo, como a imperceptível partícula de água se condensa em flocos de nuvem, e esse emaranhado, por acaso ou por instinto, tropeçasse num nome ou numa estirpe, como então havia muitos disponíveis, numa certa patente de organização militar, num conjunto de tarefas a serem executadas e de regras estabelecidas; e – sobretudo – numa armadura vazia, pois sem ela, com os tempos que corriam, até um homem que existia corria o risco de desaparecer, imaginem um que não existia [...] Assim havia começado a atuar Agilulfo dos Guildiverni e a esforçar-se para obter glórias (CALVINO, 2002b, p. 35).

Esse parágrafo é muito importante. Primeiro, como foi dito antes, por indicar que a situação de Agilulfo e Gurdulu não manifesta apenas um processo individual ou mesmo uma exceção. Pelo contrário, demonstra um estado que en-

volve o mundo, visto que este era “confuso, e pululava de objetos e faculdades e pessoas que não possuíam nome nem distinção do restante” – características de Gurdulu. A “vontade e a obstinação de existir, de deixar marcas, de provocar atrito com tudo aquilo que existe” não eram características comuns. Havia casos raros em que elas se manifestavam. Agilulfo era um exemplo.

Em segundo lugar, por confirmar a observação anterior de que o cavaleiro inexistente buscava a confirmação de sua existência pela razão que se completava em feitos militares. Ele “esforçava-se para obter glórias”.

A narradora, portanto, deixa claro que está tratando de um mundo em confusão, onde os seres existem não existindo e a vida não pode ser contida em um único indivíduo. Para prosseguir em seus propósitos, introduz outro personagem: Rambaldo.

Ele é um jovem que busca vingar o pai, morto pelos sarracenos. Embora homem normal, compartilha com Agilulfo a tensão pela definição da existência. Questiona-se se a decisão de limpar a honra do pai não seria uma forma de escapar à desfiguração e anulação do mundo (CALVINO, 2002b, p. 23). Também para Rambaldo a vida se desenvolve sob as insígnias da confusão e indefinição. É o campo de batalha que lhe dá certeza da existência do mundo (CALVINO, 2002b, p. 44).

Em sua confusão, identifica-se com Agilulfo – “e gostaria de trocar confidências com o cavaleiro da armadura branca, como se fosse o único capaz de compreendê-lo” (CALVINO, 2002b, p. 48) – por ser ele um cavaleiro cujos feitos apresentam-se como inspiração à sua vida. Mesmo a contragosto, contudo, percebe certa relação com Gurdulu. O primeiro encontro causou-lhe profundas marcas. Ao ver o escudeiro de Agilulfo, após mergulhar numa panela de sopa, caminhando sem direção e bradando: “tudo é sopa, tudo é sopa!” (CALVINO, 2002b, p. 53), sente-se perturbado. A questão é: “e se aquele homem que girava ali na frente sem enxergar tivesse razão e o mundo não fosse nada mais que uma imensa sopa sem forma em que tudo se desfazia e tingia com sua substância todo o existente?” (CALVINO, 2002b, p. 54). Sua reação manifesta-se num clamor desesperado: “Não quero me tornar sopa, socorro!” (CALVINO, 2002b, p. 54).

Rambaldo assumia consciência de sua crise e, ao mesmo tempo, se apaziguava diante dela na relação com os dois personagens em oposição. A narradora explicita essa situação, ao dizer que: “A ansiedade contraditória que a visão do guerreiro da couraça branca sempre lhe comunicava agora contrabalançava a nova angústia provocada por Gurdulu: e deste modo conseguiu salvar seu equilíbrio e ficar calmo de novo” (CALVINO, 2002b, p. 54).

Outro dado surge na vida de Rambaldo – o amor. Apaixona-se pelo cavaleiro que o ajudou na batalha, isto é, pela jovem que se vestia como cavaleiro e que descobre posteriormente ser Bradamante. Amor esse que substitui sua ânsia pelas batalhas (CALVINO, 2002b, p. 47) e que poderá dar sentido à sua vida. Quanto a isso, irá se distanciar de Agilulfo, por ser o cavaleiro incapaz de amar. Aqui surge o conflito necessário a toda boa narrativa. Há, por um lado, uma tensão entre sua crise existencial e a relação que mantém com Agilulfo e Gurdulu, e, por outro, a crise do amor não-respondido. Dado complicador é o fato de que Bradamante ama outro homem, Agilulfo, que, de sua parte, não nutre nenhum sentimento por ela.

A narradora dinamiza o enredo ao introduzir o questionamento, por Torris-mundo, do direito de Agilulfo ser cavaleiro. Diante disso, surge o tema da bus-

ca. Agilulfo parte em busca de Sofrônia, donzela que teve sua virgindade protegida por ele no passado distante, e Torrismundo procura os cavaleiros do Santo Graal, que seriam seus pais juntamente com Sofrônia. Paralelamente, Bradamante vai ao encalço de Agilulfo e Rambaldo a segue.

Em sua busca por Bradamante, Rambaldo manifesta o aprofundamento do tema do amor e como ele dá sentido às suas inquietações. A narradora informa-nos que, diante da não-correspondência de Bradamante ao amor de Rambaldo, o jovem cavaleiro “se enfurece e não consegue aceitar e num certo ponto a paixão por ela é também paixão por si próprio, é o apaixonar-se por aquilo que poderiam ser os dois juntos e não são” (CALVINO, 2002b, p. 81). Há, claramente, a busca de completude, não mais sob a tensão entre Agilulfo e Gurdulu, mas sim no amor que o unirá à sua amada e que lhes dará um sentimento de totalidade.

Quando a trama se define, na comprovação de que Agilulfo poderia permanecer com o direito de cavaleiro, é tarde. Ele partiu antes da notícia ser dada, convicto de que Torrismundo havia cometido incesto com Sofrônia. Na realidade eram meio-irmãos, ele filho da rainha com um cavaleiro do Santo Graal; ela filha do rei com uma camponesa. Rambaldo sai à procura de Agilulfo para dar a notícia. Não o encontra, ou melhor, encontra as partes de sua armadura: elmo, couraça, coxotes etc., dispersos sobre o solo. Junto à espada, um bilhete indicando que a armadura era deixada a Rambaldo. O cavaleiro dissolveu-se. O jovem questiona: “cavaleiro, resistiu por tanto tempo só com sua força de vontade, conseguiu fazer sempre de tudo como se existisse: por que render-se de repente?”. Ele “agora se dissolveu como uma gota no mar” (CALVINO, 2002b, p. 124).

Certamente o motivo para a desistência de existir foi o fato de não suportar que sua vida, construída racionalmente sobre bases bem estabelecidas, ruísse diante de pretensas provas contra a virgindade de Sofrônia.

A seqüência apresenta o clímax do relacionamento entre Agilulfo e Rambaldo. Esse toma a armadura, veste-se e, nesse ato, funde-se com o cavaleiro. Não assume seu nome, mas a armadura que enverga revela que se torna um com ele. Isso é significativo, pois indica que o jovem chega à maturidade da razão e da consciência que eram características de Agilulfo. Quanto ao contraste entre ambos, pelo fato de o cavaleiro não amar, esse, sim, torna-se o clímax do livro.

Sob a armadura de Agilulfo, Rambaldo busca e encontra Bradamante. Esta, pensando tratar-se do cavaleiro amado, entrega-se ao seu amor. Ao descobrir o engano, parte indignada. Rambaldo não desiste. Sai em busca dela. Encontra-a no convento onde redige as últimas linhas do livro. Ali a guerreira assume que o amor que nutria por Agilulfo é transferido para o amante insistente (CALVINO, 2002b, p. 132). O livro termina com o casal partindo para novas aventuras.

Rambaldo completa Agilulfo. Ao portar a armadura deste, experimenta a plenitude de vida que o cavaleiro nunca poderia atingir. Conclui-se, então, que não há, afinal, antagonismo, mas um senso de plenitude que invade ambos os personagens. O jovem completa-se no cavaleiro experiente, e este, mesmo depois de diluído, acha sua completude na experiência do amor daquele.

Pode parecer piegas a afirmação de que Calvino enfatiza o amor como o veículo para que o ser humano atinja sua plenitude? Sim, é possível. Mas a redação de *O cavaleiro inexistente* é feita de modo a anular qualquer conclusão nessa direção. O modo como conduz o leitor à percepção do amor como caminho de

desenvolvimento do ser humano é muito inteligente, não deixando de ser, no estilo de Calvino, bem-humorado e atrativo. Para Calvino, o amor é o caminho para a conquista do ser.

Após analisar o desenvolvimento do enredo por intermédio de seus personagens principais, define-se, a seguir, a relação entre o projeto literário de Calvino e o livro, investigando suas afirmações no prefácio a *Os nossos antepassados*.

O CAVALEIRO INEXISTENTE E O PROJETO LITERÁRIO DE CALVINO

Conforme o próprio Calvino esclarece, seu processo de produção se dá a partir de uma imagem mental que se forma pouco a pouco. Passado certo tempo, trabalha para inseri-la numa trama que se transforma em livro. No caso de *O cavaleiro inexistente*, Calvino (2001, p. 16) considera que: “O problema hoje não é mais o da perda de uma parte de si mesmo [*O visconde partido ao meio*], mas o da perda total, o de não ser mais nada”. Explicita a idéia ao dizer:

Chegamos lentamente ao homem artificial que, sendo uno com os produtos e com as situações, é inexistente porque não faz mais atrito com nada, não tem mais relação (luta e, por meio da luta, harmonia) com aquilo que (natureza ou história) está ao redor dele, mas só “funciona” abstratamente (CALVINO, 2001, p. 16).

A partir desse núcleo reflexivo, surge o personagem Agilulfo. Interessante é observar que ele é construído como antagonico à imagem descrita antes. O cavaleiro relaciona-se com o que o cerca, entrando em atrito, por vezes, com essa realidade. É claro que ele e a história que se constrói ao seu redor trazem as questões históricas e filosóficas a que nos referimos anteriormente como constituindo o contexto da obra. Calvino não oculta esses elementos ao compartilhar que no processo de produção do livro há “um esforço maior de interrogação filosófica” (CALVINO, 2001, p. 16). Berardinelli (1999, p. 101, grifo do autor) concorda em parte com Calvino ao dizer que em *Os nossos antepassados* “há algo entre divertimento alegórico e *conte philosophique*”.

De Agilulfo Calvino extrai, como oposto, Gurdulu. Ele representa “a existência privada de consciência, ou seja, a identificação geral com o mundo objetivo” (CALVINO, 2001, p. 16). É claro que Calvino, por intermédio dos personagens que desenvolvem a trama, está em discussão com sua sociedade e o homem que nela habita, conforme foi argumentado no primeiro tópico. O escritor tem algo a dizer e o faz criando a tensão entre Agilulfo e Gurdulu. O último representa aquela vivência “objetiva”, sem atritos e dissolvida no mundo e na sociedade que ele criticara no texto “A medula do leão”. O primeiro seria o protótipo de reação ao mundo que Calvino propõe. Talvez seja lícito dizer que Agilulfo, de certo modo, representa o Calvino daquele momento histórico. É necessário não apenas existir, mas interagir com a sociedade, e isso de modo consciente e racional – como o cavaleiro. Mas, como o próprio Calvino comenta, os dois personagens não são suficientes para que o enredo se desenvolva. Por essa razão, cria Rambaldo e Torrismundo. Rambaldo ocupa maior espaço no romance. É nesse personagem que se concentram os questionamentos a respeito da existência presentes no par de opostos Agilulfo – Gurdulu.

Por que Rambaldo é necessário? Por que Agilulfo possui limites. Por isso mesmo ele se dissolve. Seria a vitória da objetividade de um mundo que não permite ser questionado? Não. Seu desaparecimento corresponde à sua limitação: ele não consegue amar. E é exatamente isso que o diferencia de Rambaldo e faz que este se torne o principal personagem no final do romance. Como foi visto, há nele uma transposição da existência que se confirma por meio dos combates militares – vivenciados tanto por Agilulfo como por Rambaldo – para o amor que se torna o foco da existência. Agilulfo não chega a esse ponto. Quando, no entanto, o jovem veste a armadura de seu herói, há uma construção muito feliz. Ele torna-se Agilulfo, no sentido de assumir tudo quanto o cavaleiro foi, acrescentado do amor que por fim é correspondido por Bradamante. Esse é o ponto central da história. É o amor que, ao final, pode dar sentido à existência. Mas, deve-se perguntar, qual é a relação disso com o projeto literário de Calvino?

Em “A medula do leão”, Calvino (1980, p. 10, grifo nosso) afirmou que entre diversos objetivos e ensinamentos da literatura está o “de encontrar as proporções da vida e o *lugar do amor* nela”. É exatamente isso que se dá no livro. Demonstra que a existência no mundo se torna possível por meio do amor. É necessário lembrar, contudo, que a conjunção entre consciência e amor deve ser mantida para que o último não se torne algo insofrito e sem definição. Tal composição permite que o amor construa uma concretude de vida para Rambaldo e Bradamante, que os lança ao mundo em busca de novas aventuras ao final da história.

CONCLUSÃO

É significativo o fato de Calvino dizer quase nada a respeito do papel do amor ao esclarecer a gênese e dinâmica do livro no prefácio a *Os nossos antepassados*. Na realidade, ele coloca as mulheres como sinônimo de existência: “Bradamante, o amor como contraste, como guerra, isto é, a mulher do coração de Rambaldo [...] Bradamante, amor como guerra, busca o diferente de si, portanto o não-ser, por isso está apaixonada por Agilulfo (CALVINO, 2001, p. 17). Não há maiores explicações. Bradamante é, de fato, o amor como guerra, mas é mais do que isso. É o amor, foi argumentado, que não apenas dá sentido à guerra, mas que dá sentido à busca que se consubstancia na guerra, isto é, a certeza da existência. Quanto à sua paixão por Agilulfo, ela completa-se apenas em parte, na medida em que se une à armadura, que, no entanto, traz dentro de si um homem de carne e osso.

Calvino, em sua habilidade e sensibilidade, poderia ter pensado e desenvolvido tais relações. No entanto, certamente não iria revelar todos seus segredos aos leitores. Ele nos permite o prazer e o sabor de descobri-los sozinhos.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Alfonso. Calvino moralista. Ou: como permanecer são depois do fim do mundo. *Novos estudos*, São Paulo, n. 54, p. 97-113, jul. 1999.

CALVINO, Italo. Il mare dell’oggettività. In: Il menabò di letteratura. Dirigido por VITTORINO, Elio e CALVINO, Italo, n. 2, Torino: Einaudi, 1960.

_____. Il midollo del leone. In: Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società. Torino: Einaudi, 1980.

_____. Ordem e complexidade. *Ágora*: revista científica do curso de comunicação social da Universidade Potiguar. [on-line]. 2000. Disponível em: <<http://www.weblab.unp.br/agora/>>. Acesso em: 28 fev. 2003.

_____. *Os nossos antepassados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Il sentiero dei nidi di ragno*. Torino: Einaudi, 2002a.

_____. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.

GINZBURG, Natalia. O sol e a lua: refletindo Ítalo Calvino. *Ficções*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 71-4, 2000.

FERREIRA, J. C. L. Italo Calvino: writer and society: an analysis of *O cavaleiro inexistente*. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 8, n.1, p. 47-57, 2006.

Abstract: *This article aims at analyzing the relation between the book O cavaleiro inexistente and the context in which the Italian writer Italo Calvino lived when he wrote the book; more specifically, it searches to find in the narrative references to issues that troubled the author's mind in that period.*

Keywords: *Narrative; characters; society.*